

O ASSASSINATO DE ROGER ACKROYD

AGATHA CHRISTIE

Título original  
THE MURDER OF ROGER ACKROYD  
Tradução  
HEITOR BERUTTI

Capa  
FORTESPÓLIO

CAPÍTULO I

Licença editorial por cortesia de Livros do Brasil  
Impresso e encadernado por Tilgráfica, S. A.  
no mês de Setembro de 1996  
Número de edição: 4033  
Depósito legal número 102 220/96  
ISBN 972-42-1183-5

ENQUANTO O DR. SHEPPARD ALMOÇA

Mrs. Ferrars morreu na noite de quinta-feira, de 16 para 17 de Setembro. Foram chamar-me às oito horas da manhã de sexta-feira, 17. Nada havia a fazer; estava morta havia algumas horas.

Quando voltei para casa, passava das nove. Abri a porta da entrada com a chave e permaneci alguns instantes, propositadamente, no vestíbulo, para pendurar o chapéu e o sobretudo de meia estação que julgara conveniente levar, para proteger-me do frio incipiente daquela manhã outonal. Para dizer a verdade, sentia-me perturbado, mal-humorado. Não pretendo dizer, com isto, que previsse os acontecimentos que iriam desenrolar-se pouco depois; devo declarar, mesmo, que não tive qualquer sensação definida. O meu instinto, entretanto, pressentia que estava para acontecer alguma coisa emocionante.

Da sala de jantar, à esquerda, chegava o tinido de copos e de louça e o tossir de minha irmã Caroline.

- És tu, Jacques? - perguntou.

Pergunta inteiramente inútil; quem havia de ser? Era minha irmã a causa daquela demora na antecâmara.

Conta Kipling que o lema das doninhas na Índia é: cCorre e descobre. Se tivesse de aconselhar Caroline a adoptar uma divisa, seria, sem dúvida, esta, com uma doninha rampante; mas sem a primeira parte: Caroline



consegue realizar qualquer investigação, permanecendo tranquilamente em casa. Não sei como o faz, sei, porém, que o consegue sempre. Tenho uma vaga desconfiança de que a criadagem e os fornecedores constituem as suas fontes de informações. Quando sai, não é para colher notícias, mas para difundi-las; e também nisto se revela de uma perícia admirável.

Era precisamente essa última particularidade do seu carácter que me mantinha suspenso num estado de viva incerteza. O que quer que eu dissesse a propósito da morte de Mrs. Ferrars, tinha a certeza de que, dentro de hora e meia, o máximo, seria conhecido em toda a região. Na minha qualidade de médico, dou, naturalmente, valor à descrição; por isso contraí o hábito de ocultar de minha irmã qualquer notícia, pelo menos até onde me for possível. É verdade que ela chega a saber tudo, igualmente, mas tenho pelo menos a satisfação moral de dizer que não foi por mim que o soube.

O marido de Mrs. Ferrars morrera havia pouco mais de um ano, e Caroline sempre sustentara, embora a sua convicção não tivesse o mínimo fundamento real, que a esposa o envenenara.

Recusava-se, desdenhosamente, a aceitar a minha invariável declaração de que Ferrars morrera de gastroenterite aguda, agravada pelo abuso constante de bebidas alcoólicas. Concordávamos em que os sintomas da gastroenterite e os do envenenamento arsenical se assemelham, mas minha irmã alicerçava as suas acusações em argumentos bem diversos.

- Não precisas mais do que fitar-lhe o rosto - disse certa vez.

Mrs. Ferrars, embora não muito jovem, era formosa e os seus vestidos, mesmo feitos com simplicidade, assentavam-lhe sempre admiravelmente; mas há uma quantidade de senhoras que compram os seus trajos em Paris sem por isso sentirem a necessidade de envenenarem os maridos.

Enquanto permanecia indeciso na antecâmara, envolvendo na mente estas circunstâncias, ouviu-se a voz de Caroline, desta vez um tanto aborrecida:

- Que estás aí a fazer, Jacques? Porque não vens almoçar?

- Já vou - apressei-me a responder. - Estava a pendurar o sobretudo.

- A esta hora, já tinhas tempo de pendurar meia dúzia.

Pura verdade: não podia deixar de conceder-lhe razão. Entrei na sala de jantar e, depois de dar-lhe a habitual palmadinha no rosto, sentei-me diante do prato de ovos com toucinho que estava na mesa. O toucinho já estava frio.

- Tiveste de fazer uma visita muito cedo, esta manhã - observou Caroline.

- Sim - respondi. - A Mistress Ferrars, na Quinta do Rei.

- Já sei.

- Como soubeste?

- Foi Anny quem me contou.

Anny é a criada. Jovem simpática, mas tagarela impenitente.

Houve uma pausa, durante a qual continuei o meu almoço. A ponta do nariz de Caroline, longo e subtil, começou a vibrar nervosamente, o que acontece todas as vezes que está interessada num assunto.

- Então? - perguntou.

- Um caso triste. Nada pude fazer. Deve ter morrido enquanto dormia.

- Já sei - disse novamente Caroline.

Desta vez, abespinhei-me.

- Não podes saber - respondi secamente. - Eu próprio não sabia, antes de lá chegar e ainda não o contei a ninguém. Se a tagarela da Anny sabe, então é porque adivinha!

- Não foi Anny quem contou. Foi o leiteiro, que soube do caso pela cozinheira da casa Ferrars.

Como já disse, não é necessário que minha irmã saia para caçar notícias. Deixa-se ficar em casa e as notícias chegam até ela.

- De que morreu? Doença do coração? - continuou.

- O leiteiro não te informou? - perguntei com sarcasmo.

O sarcasmo não a afecta. Toma tudo ao pé da letra.

- Não sabia - explicou.

Cedo ou tarde saberia. Não importava, portanto, que lho dissesse.

- Morreu por ter ingerido uma dose muito forte de veronal. Tomava-o já há tempos para combater a insónia. Deve ter tomado muito.'

- Qual! - interrompeu Caroline. - Foi de propósito. Pensas que acredito nisso?

Estranho! Quando alguém tem uma convicção íntima e secreta que não quer admitir nem para si mesmo, se acontece que outro a descobre, pode ter-se a certeza de que procurará negá-la energicamente. Foi por isso que investi contra minha irmã, com os mais vivos protestos.

- Eis que te entregas de novo aos teus despropósitos - disse-lhe. - Por que motivo havia Mistress Ferrars de atentar contra a própria vida? Viúva, ainda regularmente jovem, em boas condições financeiras, com boa saúde, nada mais tinha a fazer do que viver alegremente e gozar a vida. É absurdo o que dizes.

- Qual! Tu também deves ter notado que ultimamente estava muito diferente. Essa mudança datava de há seis meses. Parecia atormentada por um pesadelo. E acabas de dizer que não podia dormir.

- Qual é então o teu diagnóstico? - perguntei friamente. - Talvez um enredo amoroso que terminou mal?

Caroline sacudiu a cabeça.

- Remorsos! - exclamou com ênfase.

- Remorsos?

- Certamente! Não quiseste acreditar-me, quando te dizia que ela envenenara o marido. Agora, estou mais do que convencida.

- Mas que lógica há em tudo isto? - observei.- Se essa mulher tivesse praticado o que dizes, estou certo de que lhe não faltaria o sangue-frio necessário para gozar os frutos, sem se abandonar a essa fraqueza sentimental que é o remorso.

Caroline sacudiu de novo a cabeça.

- Talvez existam mulheres com tal qualidade, mas Mistress Ferrars não era desse tipo. Só tinha nervos. Um instinto irresistível arrastou-a a desembaraçar-se do marido, porque era uma dessas naturezas que não podem suportar qualquer sofrimento; e podes ter a certeza de que a mulher de um homem como Arthur Ferrars deve ter sofrido, e não pouco!

Concordei.

- E, depois da morte do marido, deve ter vivido na obsessão do crime praticado. Coitada! Não posso deixar de compadecer-me dela.

Não creio que minha irmã tenha experimentado um sentimento de comiseração pela senhora Ferrars, enquanto esta vivia. Agora, porém, encontrava-se num mundo em que (verosimilmente) não se usam as modas e os figurinos de Paris, e Caroline sentia-se disposta a deixar-se vencer pelos mais brandos sentimentos de piedade e de indulgência.

Disse-lhe que as suas suposições eram absurdas. E insisti, com mais firmeza, pelo próprio facto de sentir-me forçado a admitir, em parte, o que ela dizia. Mas não queria que chegasse a descobrir a verdade, baseando-se, apenas, em hipóteses e em interrogações; não pretendia, de modo algum, encorajar aquele seu modo de proceder. Tinha a certeza de que iria expor pela vila as suas conjecturas, e todos ficariam julgando que se baseava em dados e informes médicos fornecidos por mim. Infelizmente, a vida reserva-nos muitas amarguras!

- Dizes que as minhas palavras são absurdas-  
prosseguiu, respondendo às minhas críticas. - Verás!  
Queres apostar em como deixou uma carta em que faz  
plena confissão?

- Não deixou carta alguma - respondi secamen-  
te, sem prever as consequências de semelhante decla-  
ração.

- Ah! Então interessaste-te? Creio que, no fundo,  
Jacques, pensas como eu. Conheço-te bem; sabes dis-  
farçar!

- Não podemos afastar a eventualidade de um  
suicídio! - afirmei em tom conciliador.

- Farão um inquérito?

- É possível. Se puder declarar-me convencido de  
que o veneno foi ingerido acidentalmente, o inquérito  
poderá ser dispensado.

- E estás convencido? - sondou.

Não respondi. Abandonei a mesa.

## CAPÍTULO II

### O ANUÁRIO DE KING'S ABBOT

Antes de prosseguir no relato do que disse a Caro-  
line e do que Caroline me disse, vale a pena dedicar al-  
gumas palavras ao que chamarei a nossa geografia re-  
gional.

O nosso burgo, King's Abbot, é um burgo como  
qualquer outro. A cidade mais próxima, Cranchester,  
acha-se a cerca de doze quilómetros. Temos uma gran-  
de estação ferroviária, uma pequena agência postal e  
dois estabelecimentos de géneros diversos, que estão  
em perpétua rivalidade entre si. Quem é são e robusto  
demonstra uma acentuada tendência para deixar o lu-  
garejo, enquanto é novo. Em compensação, King's

Abbot tem a fama de hospedar um número regular de  
solteironas e militares aposentados. Os nossos recursos  
e distracções intelectuais podem ser sintetizados numa  
só palavra: mexericos.

No lugarejo, só há duas casas de certa importância.  
Uma é a Quinta do Rei, a outra, é a villa Fernly, cujo  
proprietário é Mr. Roger Ackroyd. Este sempre me  
interessou, pelo facto de parecer a quinta-essência do  
fidalgo do campo. Dá a impressão de uma daquelas  
rubicundas personagens que, em outros tempos, ví-  
amos aparecer na cena, aos primeiros compassos do pri-  
meiro acto das velhas operetas, cujo cenário represen-  
tava um vilarejo em flor. Geralmente cantavam uma  
canção em que falavam de uma viagem a Londres.  
Hoje, temos as revistas, e o tipo do fidalgo do campo  
desapareceu das cenas de opereta.

Verdadeiramente, Mr. Ackroyd não pode ser chamado um gentil-homem do campo. É um fabricante de rodas para veículos ferroviários, muito feliz nos seus negócios. Tem cerca de cinquenta anos, rosto corado e modos cordiais. É íntimo do padre, generoso nas subscrições para os fundos da paróquia - embora seja voz corrente que é extremamente sovina nas suas despesas pessoais - promove jogos desportivos e auxilia os círculos em prol da juventude e dos institutos destinados aos ex-combatentes inutilizados para o trabalho. Em resumo, é a alma, a vida do nosso pacífico povoado de King's Abbot.

Quando Roger Ackroyd era novo, aos vinte e um anos, apaixonara-se por uma linda mulher que tinha cinco ou seis anos mais do que ele, e acabara por casar-se. Chamava-se Paton, era viúva e tinha um filhinho. Os incidentes desse matrimónio foram breves e dolorosos. Para falar com toda a clareza, Mrs. Ackroyd era alcoólica, e, quatro anos depois do casamento, o torpe vício levou-a à sepultura.

Nos anos que se seguiram, Mr. Ackroyd não mostrou intenção de arriscar-se a novas aventuras matri-



moniais. O filho do primeiro matrimónio de sua esposa tinha sete anos quando a mãe morreu. Actualmente, tem vinte e cinco. Mr. Ackroyd sempre o considerou como seu próprio filho e como tal o educou, mas ele tornou-se um malandro e uma fonte de contínuos aborrecimentos e desgostos para o padrasto. Entretanto no lugarejo, Rudolph Paton conquistou a simpatia de todos, pois não se pode deixar de reconhecer que é um belo rapaz.

Como já disse, neste pequeno ambiente todos temos tendências para o mexerico. Cada um notara, desde o princípio, que Mr. Ackroyd e Mrs. Ferrars se compreendiam maravilhosamente. Depois da morte do marido, a intimidade tornara-se mais acentuada. Eram visto sempre juntos nos passeios e pensava-se, naturalmente, que, terminado o luto, Mrs. Ferrars se tornaria a Mrs. Ackroyd. Era, efectivamente, uma união que parecia acertada, em certo sentido. Mrs. Ackroyd morrera por intoxicação alcoólica. Mr. Arthur Ferrars fora um bebedor inveterado, durante toda a vida; nada mais justo do que as duas vítimas dos excessos alheios se consolassem, reciprocamente, de quanto tinham sofrido por culpa dos respectivos cônjuges.

Os Ferrars tinham vindo morar para a vila havia pouco mais de um ano, mas em torno de Mr. Ackroyd a bisbilhotice exercitava-se há muito tempo. Durante a adolescência de Rudolph Paton, uma série de governantas dirigira os negócios domésticos na casa Ackroyd e cada uma fora observada com olhares suspeitosos, por minha irmã e pelas velhas comadres. Não exagero dizendo que, durante quinze anos, pelo menos, todos os do lugarejo viveram na convicção de que veríamos Mr. Ackroyd casar-se com uma das governantas. A última, uma formosa criatura, Mrs. Russell, dominou plenamente durante cinco anos, dobro do tempo das que a precederam. Julga-se que se não fosse o aparecimento de Mrs. Ferrars, dificilmente

Mr. Ackroyd teria escapado. Salvou-o essa circunstância e outra concomitante; isto é, a repentina volta do Canadá de uma cunhada viúva, com a filha. Essa senhora, viúva de Camile Ackroyd, o irmão mais novo e desajuizado de Roger, fixou residência na villa Fernly e conseguiu, no dizer de Caroline, colocar Mrs. Russell no lugar que lhe competia.

Verdadeiramente, não sei o que se pretende dizer com a expressão colocá-la no seu lugar. Parece-me uma frase desagradável e antipática - mas sei que Mrs. Russell vive a murmurar e, esboçando um sorriso azedo e forçado, protesta a sua profunda simpatia por aquela pobre Mrs. Ackroyd, obrigada a viver da caridade do irmão de seu marido. O pão da esmola é bastante duro, não é verdade? Sentir-me-ia muito infeliz se não pudesse trabalhar para o meu sustento.

Não sei o que pensava Mrs. Ackroyd da atracção que havia entre o seu cunhado e Mrs. Ferrars, quando

isto se tornou conhecido de todos. Naturalmente, tinha grande interesse em que ele não se casasse de novo, mas sempre demonstrara uma amabilidade extrema, para não dizer exagerada, para com Mrs. Ferrars. Minha irmã explica que isto nada significa.

Tais são as nossas preocupações diárias em King's Abbot, de alguns anos a esta parte; examinámos e discutimos a figura de Ackroyd e os seus negócios sob todos os aspectos; e Mrs. Ferrars completava, maravilhosamente, o quadro das bisbilhotices.

Eis que, de repente, da pacífica discussão sobre o próximo matrimônio, caímos no coração da tragédia.

Remoendo no pensamento estas e outras circunstâncias, fui fazer as minhas visitas de costume. Não tinha casos de especial interesse a atender e isto talvez tenha sido um bem, porque os meus pensamentos não podiam afastar-se da morte misteriosa de Mrs. Ferrars. Ter-se-ia na verdade suicidado? Neste caso, era impossível que não tivesse deixado uma carta, uma palavra, para dizer o que resolvera fazer. No decorrer da minha experiência, pude verificar que, quando uma

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

